

AS ÁGUAS

Adélia Prado

(Extraído de JB Ecológico 24/08/2002)

O feto é um animal anfíbio. Nós todos vivemos por nove meses submersos na água, esse elemento natural que nos permitiu a vida. A nossa própria corporalidade é feita mais de água do que de sólidos. Um bem cósmico, natural e de necessidade absoluta. Sem ela, a vida no planeta não é mais possível.

A água mata a sede. Cozinha alimentos. “Lava o que é impuro. Rega o que está seco”. Esses dizeres fazem parte de uma oração do Espírito Santo que associa água ao espírito divino. Dos elementos do universo, a água é um dos mais misteriosos e vitais. Não há ninguém que, ao ser convidado a construir uma imagem do paraíso, não inclua águas cristalinas. Essas águas acordam em nós uma saudade do paraíso que nunca vimos, tal é a força evocativa do elemento água. Em todas as culturas, civilizações e religiões, a água é alçada a uma natureza de símbolo. Ela é muito mais do que um elemento utilitário e necessário à vida. Ela tem uma força simbólica, algo que congrega e segura nela mesma os desejos e as fantasias mais profundas da alma humana.

Em livros de sabedoria, tanto na Bíblia católica, protestante, quanto nos livros fundadores do budismo e de outras religiões, a água é apresentada como fonte, símbolo de renovação. O I Ching, um livro de sabedoria milenar, fala da natureza da água. “Sê como a água. Ao encontrar um obstáculo, sê como a água, que quando encontra uma montanha não briga com ela, mas a contorna e sai lá na frente.” Sê como a água, de natureza maleável, que traz em si uma plasticidade, ausência de rigidez. Várias religiões benzem e oram sobre a água para oferecê-la a fiéis, tal é a força que o elemento água confere à nossa imaginação, à nossa fantasia e fala à nossa alma. A imersão na água independe de qualquer religião. É um ato prazeroso mergulhar nosso corpo na massa das águas. É como voltar ao útero materno.

Mudança interna significa consciência do coração. É nos sentirmos parte de uma mesma humanidade. Aquilo que afeta o outro me afeta também. Essa consciência, essa generosidade só vem a partir de uma mudança do coração. Não tem conversa, não tem programas de reciclagem, não tem nada que mude o meu comportamento se ele não for mudado de dentro, a partir de uma compreensão nova do universo, como criatura de Deus. E eu, dentro do universo, sou uma criatura tanto quanto uma galinha. Eu sou criatura, parte do universo, e não o seu dono. E, como criatura, devo preservar e dividir. Só o que toca o coração e humaniza os sentimentos é capaz de promover comportamentos ecológicos.

A grande água, o grande mar, são símbolos do inconsciente, do lugar onde nós estávamos antes de nascer e para o qual nós vamos depois da nossa vida terrena. O que eu chamo de inconsciente é o divino, a face divina que nós só percebemos através das coisas concretas. Elas são o rastro de Deus, suas pegadas. A minha alma tem sede de Deus, que se apresenta para nós como sendo a própria água. Ele é a sede de minha alma, mas, ao mesmo tempo, Ele é a sede e é a água. Cristo é água viva.